BRASILÍRICA

Antologia
poemas escolhidos
1977-2017

Nicolas Behr

BRASILÍRICA
© Nicolas Behr 2017

Design
Gabriel Menezes e Nicolas Behr

Fotos
Página 32
Mário Maciel (Marel) in memoriam
Página 62
André Macedo
Página 64
Diego Bresani

Agradecimentos
Carlos Marcelo
Celina Cassal Josetti
Lucília Garcez

Contato com o autor
Cx. Postal 8666
CEP 70312-970 Brasília DF
paubrasilia@paubrasilia.com.br
www.nicolasbehr.com.br

BRASILÍRICA é o nome de um movimento poético brasiliense que surgiu no início dos anos 2000. Seus integrantes são os poetas Gerson de Veras, Maria Maia, Moacir Macedo e Reginaldo Gontijo. Agradeço a permissão do uso do título.

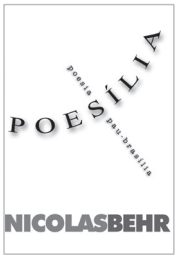
Fonte Usual
Papel Pólen Soft 80g/m²
Impressão Teixeira Gráfica e Editora
Tiragem 3.000 unidades

Apresentação

Marcelino Freire

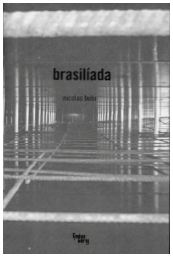
Ele se chama Nicolas Behr. É um poeta dos grandes. Já faz parte da nossa história. Escreve fácil, direto. Nasceu clássico, veio para ficar. Desde que chegou em Brasília vindo de Cuiabá. Tomou as ruas, ganhou os bares e praças. Espalhou seus versos mimeografados. Eixo a eixo, quadra a quadra. De uma simplicidade lírica. Pulsante, viva. Rara e sem frescura. O bom é que sua literatura comunica. Critica e comove. Provoca, sacode as estruturas. Enverga, entorta. Ele joga versos feito Garrincha jogou bola. É craque, é único. Dribla nosso olhar. Chega para nos mostrar o óbvio, em versos como esses: *os três / poderes / são / um só: / o deles*. Nicolas não se demora. Não é dono de uma poesia fria, exibida, falsa. Ele vem e diz na lata, na nossa cara. *brasília / é isso mesmo / que você está vendo / mesmo que você / não esteja / vendo nada.* Tem graça. Ironia, humor. E amor por uma cidade. E um país. Onde não ficará *carimbo sobre carimbo*, é certo. A reconstrução será sempre pela arte. É o que o poeta nos diz. Em cada um dos versos. Neste livro de poemas que nos faz pensar. Seguir além, resistindo. Confiante e consciente. Só os grandes poetas conseguem fazer isto. Uma revolução. Do tamanho de uma superquadra. Dentro da gente.

Capa do livrinho mimeografado *Iogurte com Farinha*, impresso gloriosamente no Colégio Setor Leste, em agosto de 1977, na semana da morte de Elvis Presley. Esta Brasilírica comemora os 40 anos da sua primeira edição.



Poesília
2002

Braxília Revisitada
2004



Brasilíada
2010

Brasífra-me
2013

A Teus Pilotis
2014

O LIVRO
QUE ESTÁ
POR VIR
SAÚDA
O POEMA
INEXISTENTE

Os poemas deste livro foram selecionados
dos títulos acima.

entre,
entre por favor
entre blocos
entre quadras
entre,
entre por favor

três da madrugada no eixão

sem ter pra onde ir
sem ter pra onde correr
gritar não vale
morrer não adianta

***

a superquadra
nada mais é
do que a solidão
dividida em blocos

***

brasília nasceu de um gesto primário:
dois eixos se cruzando,
ou seja, o próprio sinal da cruz

como quem pede bênção
ou perdão

todos os erros
de brasília
são meus

tolerar
outras brasílias
e explodir apenas
a cidade
onde a palavra mágica
é tabu:

abracadabraxília

quero a dor
dessa cidade
pra mim

dor
é palavra
não dita

tailandeses, persas, caldeus, vândalos, libaneses,
arameus, mexicanos, anambés, lituanos, croatas,
cambojanos, kayapós, sumérios, vietnamitas, krahôs,
angolanos, turcos, mapuches, etruscos, suecos,
ticunas, maoris, sérvios, hunos, finlandeses, hunos,
sudaneses, chilenos, romanos, celtas, nepaleses,
visigodos, yanomamis, mouros, estonianos, franceses,
tupis, eslovenos, colombianos, assírios, iranches,
japoneses, astecas, argentinos, djagas, egípcios,
tupinambás, gregos, peruanos, irlandeses, guaranis,
bizantinos, ciganos, cananeus, pigmeus, chineses,
obás, macedônios, vikings, tamoios, armênios,
coreanos, drusos, belgas, gauleses, incas, bascos,
húngaros, etíopes, baianos, iraquianos, dórios,
sudaneses, espanhóis, babilônios, bósnios, celtas,
saxões, francos, argentinos, essênios, esquimós,
judeus, ilírios, panamenhos, portugueses, atlântidas,
apaches, kayabis, filisteus, russos, troianos, bósnios,
curdos, tamoios, franceses, germanos, albaneses,
toltecas, alemães, espartanos, chilenos, zulus,
árabes, xavantes, filipinos, sírios, gauleses, maias,
ingleses, quíchuas, visigodos, espartanos, sauditas,
dinamarqueses, bantos, hebreus, americanos, tupis,
poloneses, austríacos, jônios, aqueus, esquimós,
cartagineses, nambikwaras, tchecos, fenícios,
eslovenos, coreanos, guaranis, espanhóis, hititas,
hindus, austríacos, achantis, fariseus, ostrogodos,
catalães, curdos, suíços, tuaregues, suevos, waurás

todos tentaram construir brasília
mas só os candangos conseguiram

VOZES DO CERRADO

brasília, brasília,
onde estás
que não respondes?!

em que bloco,
em que superquadra
tu te escondes?!

***

os candangos comiam bolinhos
de cimento, mastigavam barro,
bebiam suco de tinta com argamassa,
respiravam poeira, cuspiam brita, babavam
cascalho, choravam areia, urinavam lama,
defecavam concreto

e transpiravam esperança

subo na caixa d'água
de ceilândia
e lá de cima
eu vejo o sertão

do cariri ao carinhanha

euclides da cunha desafia
guimarães rosa a provar
que antônio conselheiro
conheceu lampião

padre cícero
entra na discussão

conheceu não
conheceu sim

conheceu adão
conheceu caim

***

tuas qualidades arquitetônicas
meus defeitos poéticos

tô namorando
uma sigla

MSPW

conhecem?

uma gracinha
de sigla

ela é a minha
emessepêdabelhuzinha

***

quando será inaugurada
em mim
esta cidade?

para os candangos não tinha sábado,
domingo, segunda-feira, feriado, terça-feira,
quarta-feira, dia santo, quinta-feira, sexta-feira

durante a construção de brasília
o tempo não existia

***

sendo a única cidade
cujo formato
de borboleta
se vê claramente
do espaço sideral
brasília é referência
para as espaçonaves
que passam
pelo deserto
cerratense
para serem
reabastecidas de areia
o combustível
mais barato
para propulsão
de foguetes espaciais
da categoria camelo

SUPERQUADRA

na entrada
um quebra-molas
e uma banca
de jornal

blocos blocos blocos
blocos blocos blocos
blocos blocos blocos

***

o poema
é área pública
invadida
pela imaginação

melhor do que viver
é viver em brasília

cidade-amada
cidade-mamada
cidade-mimada
cidade-mamata
cidade-matada

o arquiteto endeusado
o poeta banido
jk decapitado

a graça para sempre perdida

***

o céu é nosso mar

mar sem sal

pssss

silêncio
ao adentrar
a superquadra

antes de ser
matéria compacta
esse pilotis
que você toca
foi sonho

toque com cuidado

para não acordar
lucio costa

***

eixos
que se cruzam

pessoas
que não se encontram

subo aos céus
pelas escadas rolantes
da rodoviária de brasília

o corpo de cristo
aqui não é pão,
é pastel de carne

o sangue de cristo
aqui não é vinho,
é caldo de cana

o padroeiro desta cidade
é dom bosco ou padim ciço?

***

jk voltará glorioso, coberto de asfalto,
poeira e lama, vestindo o manto
de plumas dos tupinambás

na mão esquerda a espada de são jorge
e na direita o tacape de cunhambebe,
provocando assim a ira de iansã
e a inveja do saci-pererê

quem foram os ancestrais
dos khandhanghuz?

por que migraram
para o império cerratense?
por que, quando aqui
chegaram, aceitaram
ser escravizados?

de onde retiraram forças
para cumprir a tarefa da
construção da nova capital
em apenas três anos?

por que a cidade,
após a inauguração,
começou a ser demolida?

por que nenhum poeta
até hoje ousou
decifrar essa cidade
riscada no ar?

na praça
tem um relógio

tig tag tig tag tig tag tig tag tig
tag tig tag tig tag tig tag tig tag
tig tag tig tag tig tag tig tag tig
tag tig tag tig tag tig tag tig tag
tig tag tig tag tig tag tig tag tig

e assim o tempo vai comendo
a farinha das horas
dos passantes

***

não, o poeta não pode subir
também não pode falar
com o síndico pelo interfone,
muito menos ficar
embaixo do bloco

o poeta pode se matar?

pode sim, mas sem sujar
o piso e os pilotis

jk não deixou descendentes

o império
foi então dividido em
pequenos reinos
minúsculos feudos
microscópicos castelos
invisíveis burocratas

***

por que nada se sabe
sobre a milenar brasília
antes do dia
21 de abril de 1960?

todos os registros
sobre a antiquíssima cidade
foram destruídos
por ordem de jk

para que assim
a história de brasília
começasse com ele

SQS
ou
SOS?

eis a
questão!

***

não ficará carimbo
sobre carimbo

e carimbo sobre carimbo
reconstruiremos a cidade

sem carimbos

este livro é um elogio
a brasília
ou uma crítica
à burocracia?

na dúvida, carimbe aqui

***

poder executivo
poder legislativo
poder judiciário
poder aquisitivo

***

senhores turistas,
eu gostaria
de frisar
mais uma vez
que nestes blocos
de apartamentos
moram inclusive
pessoas normais

enquanto como um pastel
na rodoviária
brasília é bombardeada

o centro histórico
impiedosamente destruído

um soldado candango passa
e pergunta ao próprio fantasma:
pra que lado
fica a asa norte?

***

os candangos
mediam o tempo
observando as rachaduras
nos pilotis dos blocos

certo dia
todas as superquadras
desabaram

quando a gente terminou,
embaixo do bloco ou no beirute,
não me lembro,
escrevi num papelzinho

LET IC IA
LET IT BE

***

deste império cerratense, desta solidão, deste
palácio que em breve se transformará em
ruínas, lanço meu olhar cansado mais uma
vez sobre os escombros do meu país e
antevejo uma alvorada que não chega nunca,
com uma raiva danada e uma desconfiança
enorme no eterno país do futuro

os candangos
pegavam na vida
sem luvas

a vida é um fio elétrico
desencapado caído na rua
em noite de chuva

***

PLANO PILOTIS

duas asas partidas
dois eixos fora dos eixos
dois traços invisíveis
duas pistas falsas

minha plataforma política
é a plataforma da rodoviária

é possível tocar
a pele da cidade?

a grama queimada
a educação pelo fogo

***

tenho vinte brasílias
no arquivo morto

o que faço?

jogue todas fora
mas antes
tire vinte cópias

e arquive

PALÁCIO
DA JUSTIÇA

bicho,
esse palácio
é a maior
cascata!

***

como chegar: não se chega
pois não se parte

onde ficar: não se fica (cidade suspensa)

o que ver: não há nada para ver
pois brasília
(bem imaterial)
só existe na teoria

como sair: a cidade não tem saída
nem entrada

é labirinto

os candangos
foram então obrigados a morar
fora da cidade fortificada

já os cratasburos
ocuparam a capital logo depois
encontrando a cidade pronta

mesmo após brasília
continuaremos desejando
viver em sociedade?

***

paiê,
que monumento
é aquele?

é o monumento
ao monumento
desconhecido

começa a demolição

quero pra mim
os anjos da catedral

***

cidade-mato-maquete
cidade-mata-maquete

cidade-mini-maquete
cidade-mínima-maquete

cidade-minha-maquete
cidade-em-mim-maquete

cidade-mito-maquete
cidade-minto-maquete

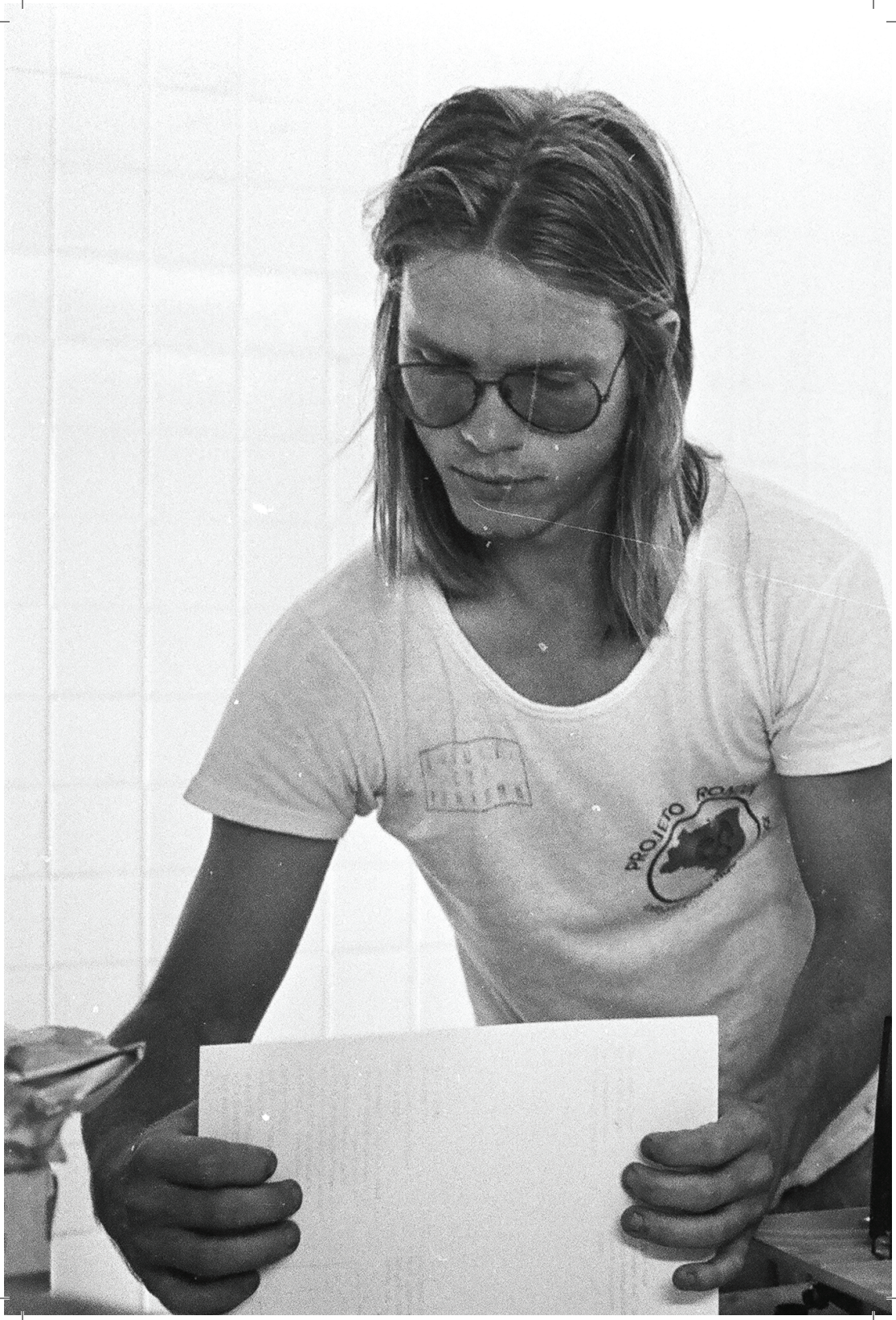
o trigo de zeus
o louro de apolo
o cipreste de hércules
a vinha de dionísio

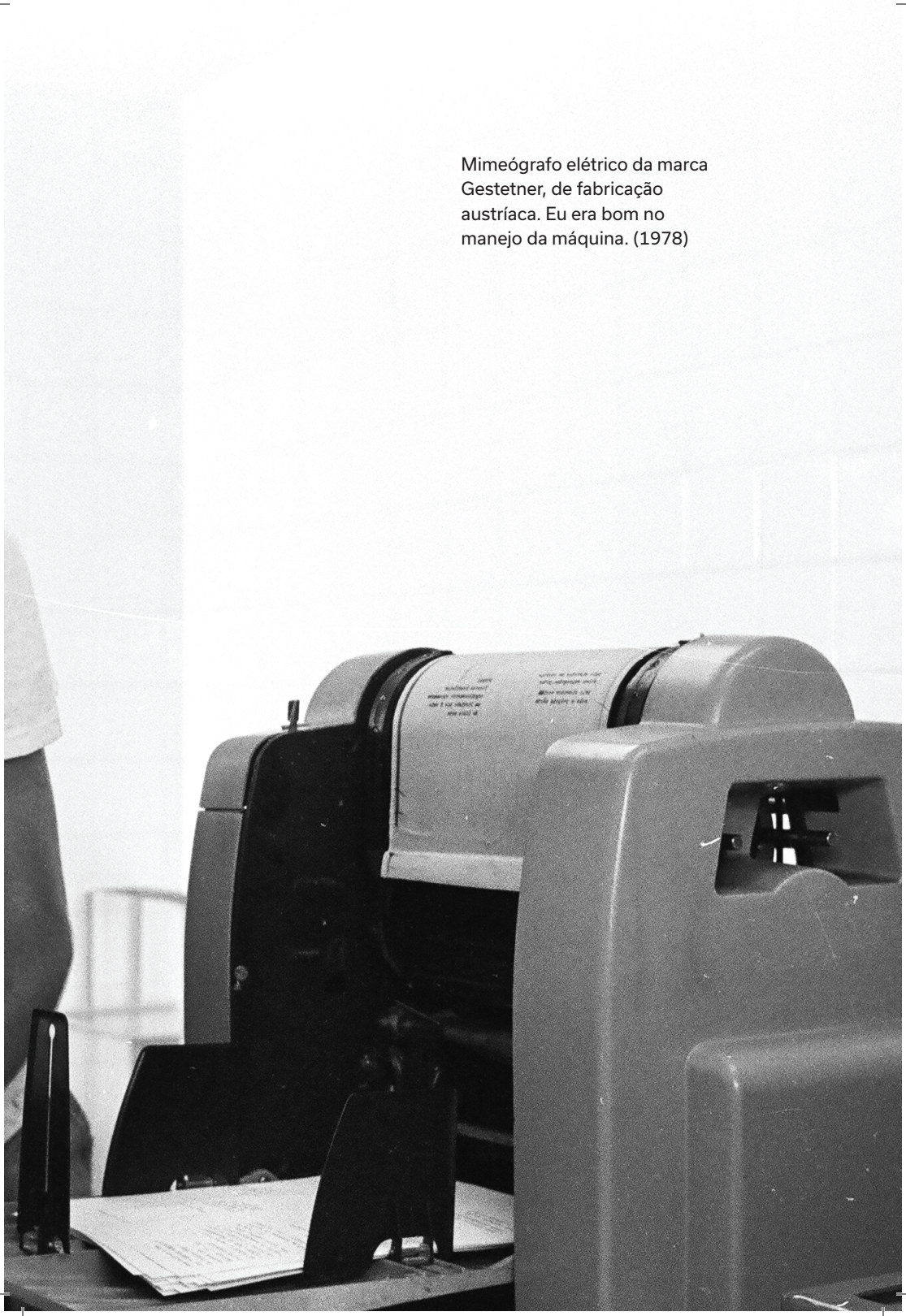
o pequi de jk
o araticum de oscar niemeyer
a cagaita de lucio costa
o buriti de burle marx

***

os três
poderes
são
um só:

o deles


PROJETO



Mimeógrafo elétrico da marca Gestetner, de fabricação austríaca. Eu era bom no manejo da máquina. (1978)

carente, solitário,
aos domingos à tarde
ia pra esplanada
só pra dar
informações
aos turistas

***

cidade sem passado?

teu passado sou eu
e tua tradição começa aqui

marco zero

o traço do arquiteto
é superfície

pele, poste, poema e papel
são superfícies

o subsolo da catedral
o bloco soterrado
são superfícies

a solidão
da superquadra:
superfície

onde nascem as raízes
o céu de brasília
também são superfícies

o lago paranoá
mesmo seco
é superfície

brasília é a minha pele
ao avesso

profunda superfície

A VOZ DOBRABIL*

em brasília 19 horas noite e dia
em brasília 19 horas em 15 minutos
em brasília 19 horas nunca passam
em brasília 19 horas sem saber pra onde ir
em brasília 19 horas mudando de estação
em brasília 19 horas não é nada
em brasília 19 horas de silêncio
em brasília 19 horas do segundo tempo
em brasília 19 horas desde 1500
em brasília 19 horas procurando outras vozes
em brasília 19 horas desligando o rádio
em brasília 19 horas 19 honras 19 taras
em brasília 19 horas com a mulher do ministro
em brasília 19 horas noves fora nada a declarar
em brasília 19 horas esperando ônibus
em brasília 19 horas de atropelamentos no eixão
em brasília 19 horas sem escrever um poema
em brasilia 19 horas embaixo do bloco
em brasília 19 horas sem fim

*Homenagem à irreverência poética de Glauco Mattoso, criador do Jornal Dobrabil, nos anos 1970.

os fazedores de desertos
se aproximam
e o cerrado
se despede
da paisagem
brasileira

uma casca grossa
envolve meu coração

***

brasília
é isso mesmo
que você está vendo
mesmo que você
não esteja
vendo nada

minha poesia
é o que
estou vendo
agora:

um homem
atravessando
a superquadra

***

que cidade é essa
que vejo – espelho –
do avião?

que cidade é essa
que sangro - vermelho -
da cruz?

que cidade é essa
que amo
mais do que
a mim mesmo?

candangos,
identificai-vos
pela poeira na íris,
lama na córnea,
cimento nos olhos

identificai-vos
pelos cílios saudosos,
pela vista cansada

***

ana lídia,
nossa primeira santa

repousa em paz
teu pequenino
corpo violado

faz milagres

este poema
escrito em menos
de um minuto

o que mais
te fascina
em brasília?

a cidade ou o poder?

o céu

***

nem tudo
o que é torto
é errado

veja as pernas
do garrincha
e as árvores
do cerrado

aqui não havia nada
só um grande vazio
um deserto

aí inauguraram a capital
e o cerrado apareceu
logo depois

***

candangos que nunca chegaram
cidade não construída
inauguração que não houve
transferência que não aconteceu

(o cerrado intacto, de pedra,
observa)

a cidade que está por vir
saúda o poema inexistente

ALCINA

você é a coluna
da minha alvorada

sol noturno
lua sempre cheia

você é o pilotis
do meu bloco-corpo

meu eixo

***

brasília são as ruínas de machu picchu
invertidas, cuzco reconstruída, tiahuanaco
inacabada, pirâmide de teotihuacán
ao contrário, palácio do altiplanalto

atlântida cerratense, cidade perdida
dos candangos

a esfinge fita seu espelho: jk

as linhas do eixo monumental
são continuação das linhas de nazca

não tente gostar
de brasília
tão rápido assim

blocos de verdade
sobrevoam
superquadras
imaginárias

superquadras
à procura
de uma cidade

***

por onde vaga
a alma de brasília?

procurando uma vaga
para estacionar a alma

brasília foi construída
para ser destruída

aos poucos

exatamente
como estamos fazendo

***

nossa senhora do cerrado,
protetora dos pedestres
que atravessam o eixão
às seis horas da tarde,
fazei com que eu chegue
são e salvo
na casa da noélia

brasília em 2060

eu já estarei com cento e dois anos
lúcido, mas cego, surdo e mudo
(também não haverá mais nada para ver,
ouvir ou falar) — as mãos inúteis

em 2060 tudo estará muito diferente

nós estaremos todos mortos
nós estaremos todos errados

***

jk construiu brasília

os candangos
ficaram olhando

eu engoli brasília

em paz com a cidade
meu fusca vai
por esses eixos,
balões e quadras,
burocraticamente,
carimbando o asfalto

e enviando ofícios
de estima e consideração
ao sr. diretor

***

assim como brasília,
o poema é lógico,
planejado, racional

imposto à página,
como se não fosse
preciso pedir licença
às palavras nem ao papel

ACONTECEU NA 103

o porteiro do bloco I
da 103 sul pegou
a filha do síndico
do bloco O da 413 norte
com o cara da 302
do bloco D da 209 sul
dentro do carro
do zelador do bloco L
da 517 norte

***

faça um teste
na faixa de pedestre

atravesse sem estresse
como se estivesse
triste em trieste
ou comendo alpiste
em budapeste

ou na L2 sul
em frente
ao setor leste

sobreviveste?

aqui estou: expediente encerrado,
papel timbrado, burocrata infeliz,
prazo vencido, portaria vazia,
inútil carimbo

aqui estou novamente:
candango esquecido,
concreto armado,
ferro retorcido,
cimento gasto,
brita zero

***

brasília
é uma cidade autoritária?
é sim, quer ver?

pra subir pra falar
com o ministro
só de terno e gravata

pra descer
só nu

ideias enfileiradas
se repetindo ao longo
de uma linha imaginária

mas o que vejo
são esqueletos
de superquadras desossadas
onde blocos fossilizados
esperam datação

cidade branca
mediterrânea lagoa
admiração solar

linhas cenozóicas
riscos paleozóicos
paranoás paranóicos

era dos burocrossauros

molhar o olhar
podar o poder

adubar o ar

pise leve
pois aqui
os gramados
sonham

em brasília
formigas do bem
plantam árvores
e cupins
restauram catedrais

***

L 2 é pouco
W 3 é demais

quando estou
muito triste,
pego o grande circular
e vou passear
de mãos dadas
com o banco

LÓGICA

LÍRICA

POÉTICA

POLÍTICA

PALEOLÍTICA

PATÉTICA

TITICA

***

imagine
brasília
não-capital
não-poder
não-brasília

assim é braxília

aquela é a estátua de teseu,
maior herói cerratense
(sim, filho, maior que jk)

libertou brasília da opressão
do burocrotauro,
um ser meio homem
meio carimbo que vivia
pelos labirintos dos ministérios,
devorando lentamente qualquer fila
que se formasse à sua frente

***

fui o primeiro a chegar
em 1957 disse o candango

eu já tô aqui
há uns 200 anos
falou o sertanejo

sou o índio
ganho de todos

ganha não
eu sou a pedra

para paulo bertran

desço aos infernos
pelas escadas rolantes
da rodoviária
de brasília

meu corpo boiando
no óleo que ferve
um pedaço
do seu coração
num pastel de carne

***

com licença, carlos

POLÍTICA LITERÁRIA

o poeta da asa norte
discute com o poeta
da asa sul
pra ver qual deles é capaz
de bater o poeta
do plano piloto

enquanto isso, um poeta
de uma cidade-satélite qualquer
tira a lama do sapato

assim cantavam
os primeiros e últimos
bardos khandanguz

tudo era puro chão
(finíssima poeira
entrando pelos poros)

tudo era pura lama
(limpíssima água
que bebíamos
com alegria)

tudo era sonho
tudo era ilusão

***

aceitar brasília
é pegar a cidade pelas mãos
pelas asas

pelos cabelos

BRASÍLIA ENIGMÁTICA

brasília, faltam exatos 3.232 dias
para o nosso acerto de contas

me deves um poema
te devo um olhar terno

na beira do paranoá
pego um pedaço de pau
entre um pneu velho
e um peixe morto
(uma garça
por testemunha)

não me reconheces
não te reconheço

***

anunciaram a utopia
mas foi brasília
que apareceu

antes de construir aqui
o meu barraco, seu moço,
joguei no lote vazio
um punhado de terra
que trouxe lá da paraíba,
misturado com um pouco
de farinha, que assim
esta terra agora
também é minha terra,
seu moço

***

blocos
eixos
quadras

senhores,
esta cidade
é uma aula
de geometria

a língua áspera do bloco
roça os lábios secos
do pilotis

asas são coxas
que se entreabrem

asfaltos eretos
desejam
pubianos gramados

eixos fálicos
defloram
úmidos paranoás

glandes monumentais
penetram
vulvas de mármore

enterrem
meu coração
na areia
do parquinho
da 415 sul

e deixem
meu corpo
boiando
no paranoá

***

todos fazem fila
pra pular
da torre de televisão

somos um povo feliz
porque sabemos
o que queremos

a última coisa
que eu quero fazer
em brasília é morrer

Acontecimentos

Biblioteca Nicolas Behr
Localizada no Colégio do Sol, CA 6, Lago Norte, Brasília, DF. Inaugurada em 2008.

Biblioteca Nicolas Behr
Inaugurada em 2012 no CEF Centro de Ensino Fundamental nº 2, Cruzeiro Novo, Brasilia DF.

Biblioteca Nicolas Behr
Inaugurada em 2013, no Centro de Ensino Médio 01, no Paranoá, DF.

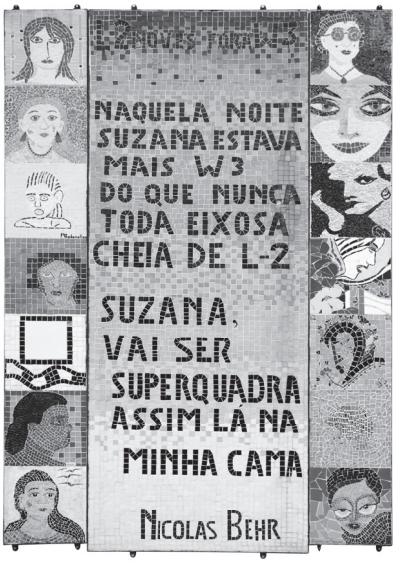
Pastel Nicolas Behr
Elegante e saboroso pastel de palmito e frango, como diz o cardápio da Pastelaria Viçosa, localizada na comercial da 704 norte, ao lado da Casa Planeta, em Brasília DF.

Nicolas Bier
Cerveja artesanal, com vários estilos e sabores, criada pela Käfer, de Brasília DF. Slogan: se beber, redija.

Prêmio Nicolas Behr de Literatura
Tem como objetivo premiar contos e poemas dos alunos e alunas dos Programas de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, do Instituto de Letras. Criado em 2014.

Brasília na poesia de Nicolas Behr – idealização, utopia e crítica.
Publicado pela Editora UnB, da Universidade de Brasília, em 2011. Resultado da dissertação de mestrado da jornalista Gilda Maria Queiroz Furiati. Introdução da também jornalista Conceição Freitas.

Braxília
É um documentário de 17 minutos, de 2010, com roteiro e direção de Danyella Proença. O filme mostra a relação do poeta com a cidade e foi premiado em diversos festivais de cinema.



Mosaico na Biblioteca Demonstrativa de Brasília
Criado pelos Loucos de Pedra, com o artista Gougon na liderança, este mosaico está exposto, desde 2005, na Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, entre a 506 e 507 sul, em Brasília, DF.

Nicolas Behr
Eu engoli Brasília
Primeiro volume da Coleção Brasilienses, escrito pelo jornalista Carlos Marcelo, traça o perfil biográfico do poeta. Publicado em 2004. O jornalista é autor da celebrada biografia de Renato Russo – O filho da revolução (Editora Planeta).

Camiseta "Sou de Brasília mas juro que sou inocente"
Peça produzida em 2010 por Alex Moraes, da Tertúlia Produtos Culturais, em Brasília, DF.

Travessia do Eixão
Poema musicado por Nonato Veras e cantado pelo Liga Tripa. Consta no CD *Uma outra estação*, da Legião Urbana, de 1997.

Nicolas Behr

Nikolaus von Behr nasceu em Cuiabá, em 1958. Cursou o primário com os padres jesuítas em Diamantino, MT, e mudou-se para Cuiabá aos 10 anos. Queria ser geólogo. Mora em Brasília desde 1974. Três anos depois lançou seu livrinho mimeografado *Iogurte com Farinha*, o primeiro de muitos. Em 1978 foi preso e processado pelo DOPS (polícia política da ditadura) por porte de material pornográfico (seus livrinhos!), sendo julgado e absolvido no ano seguinte. A partir de 1980 passa a trabalhar como redator em agências de publicidade e se engaja no movimento ecológico. Em 1986 começa a trabalhar na Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), onde fica até 1990, dedicando-se profissionalmente desde então ao seu antigo hobby: produção de espécies nativas do cerrado, através da Pau-Brasília viveiro eco.loja, ainda hoje em atividade. Casado, desde 1986, com Alcina Ramalho, tem três filhos: Erik, Klaus e Max. Volta a publicar a partir de 1993, com *Porque Construí Braxília*. Em 2008 seu livro *Laranja Seleta* – editado pela Língua Geral – foi finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura. Tem participado ativamente de eventos literários, com palestras e oficinas de poesia. Sua obra tem sido objeto de várias dissertações de mestrado pelo país. Em 2013 participou, como convidado da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), da Feira Internacional do Livro de Frankfurt e do Festival Latino Americano de Poesia (Latinale), em Berlim. Em 2015 o Instituto de Letras da Universidade de Brasília instituiu o *Prêmio Nicolas Behr de Literatura*. Publicou ainda o livro *Dicionário Sentimental de Diamantino,* em 2016. Pela editora Vento Norte Cartonero (Santa Maria, RS) publicou *Água em pó* (2013) e *Chega de Poesia* (2016), este último juntamente com a Candeeiro Cartonera (Caruaru, PE). Adora Brasília.